

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

O INDIVÍDUO PRIVADO E A DESCARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA¹
EL INDIVIDUO PRIVADO Y LA DESCARACTERIZACIÓN DEL ESPACIO PÚBLICO: DESAFÍOS PARA LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA

Claudir Miguel Zuchi², Sidinei Pithan Da Silva³

¹ O texto reflete aspectos da temática de um subitem do segundo capítulo da tese, provisoriamente, intitulada "Educação e responsabilidade pelo mundo no cenário do capitalismo", em elaboração no âmbito do PPGEC da Unijuí. Agradecimentos: PPGEC e PROSUC/CAPES.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências ?PPGEC ? UNIJUI. Bolsista PROSUC/CAPES. Integrante da Linha de Pesquisa Teorias Pedagógicas e Dimensões Ética e Políticas da Educação. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Filosofia e do Núcleo de Estudos Filosóficos, da URI-FW.

³ Dr. Sidinei Pithan da Silva, Professor do Departamento de Humanidades e Educação ? UNIJUI-RS. Integrante da Linha de Pesquisa Teorias Pedagógicas e Dimensões Ética e Políticas da Educação. Orientador da tese do acadêmico Claudir Miguel Zuchi.

Resumo

A pesquisa tematiza a análise sociológica teorizada por Richard Sennett no contexto da sociedade contemporânea, buscando desdobrar perspectivas para pensar a educação. Objetiva trazer para reflexão a emergência da noção de indivíduo e de intimismo no mundo moderno e a crescente descaracterização do espaço público como um desafio potencial para a educação. O desenvolvimento deste esforço delimita o problema da noção de - público - em uma perspectiva temporal que circunscreve os séculos XIX e XX à luz dos escritos de Sennett, bem como com outros pensadores envolvidos nessa tematização. Esse movimento histórico promove instabilidade nos meios públicos da sociedade contemporânea, o que dilui a noção de relações públicas e de responsabilidade pelo mundo coletivo na vida das pessoas, descaracterizando o sentido público da educação. Em face às mudanças nestes séculos, também no início do século XXI, buscamos nas obras de Sennett, um entendimento acerca das transformações simplificadas na passagem do capitalismo clássico para o capitalismo tardio ou flexível. No percurso teórico sennettiano dimensionam-se elementos que tencionam e que desafiam a educação no seu todo no cenário do capitalismo contemporâneo. A educação enquanto atividade voltada ao bem comum relacionada com a esfera pública é diretamente atingida pelas mudanças produzidas pelo capitalismo.

Resumen

La investigación tematiza el análisis sociológico teorizado por Richard Sennett en el contexto de la sociedad contemporánea, buscando desplegar perspectivas para pensar la educación. Objetiva reflexionar sobre la emergencia de la noción de individuo y de intimismo en el mundo moderno y

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

la creciente descaracterización del espacio público como un potencial desafío para la educación. El desarrollo de este esfuerzo delimita el problema de la noción de - público - en una perspectiva temporal que circunscribe los siglos XIX y XX a la luz de los escritos de Sennett, y asimismo de otros pensadores involucrados en esa tematización. Ese movimiento histórico promueve inestabilidad a los medios públicos de la sociedad contemporánea, lo que diluye la noción de relaciones públicas y de responsabilidad por el mundo colectivo en la vida de las personas, descaracterizando el sentido público de la educación. En faz de los cambios en estos siglos y también a comienzos del siglo XXI, buscamos en las obras de Sennett un entendimiento acerca de las transformaciones implicadas en el pasaje del capitalismo clásico al capitalismo tardío o flexible. En el recorrido teórico sennettiano se dimensionan elementos que tensionan y que desafían la educación en su totalidad en el escenario del capitalismo contemporáneo. La educación como actividad orientada al bien común relacionada con la esfera pública es directamente atingida por los cambios producidos por el capitalismo.

Palavras-chave: Indivíduo privado; Espaço Público; Educação; Sennett.

Palabras-clave: Individuo Privado; Espacio Público; Educación; Sennett.

Introdução

A pesquisa objetiva elucidar aspectos da análise que Richard Sennett faz da sociedade atual a qual ele critica e acusa certa tendência da mesma se voltar, fundamentalmente, para a vida privada e descaracterizar o espaço público como lugar do contato “autêntico” do cidadão. É uma característica que desafia a formação educacional dos indivíduos, por transformar a vida pública como lugar “formal” das pessoas. Preocupação que desafia a educação pública contemporânea enquanto tarefa do Estado, da escola e dos professores, em trabalhar a educação dos alunos não apenas no sentido de formação do indivíduo, do “eu privado”, como também do “eu público”. A busca investigativa desta reflexão tem como base os conceitos a partir dos escritos sennettianos, na qual encontramos elementos pertinentes do contexto contemporâneo que abrem possibilidades para a educação das novas gerações. Que contribuições para a escola pública e para os educandos podem ser extraídas da teoria sennettiana?

Metodologia

O estudo se configura como um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo e interpretativo. A pesquisa baseia-se em obras de Sennett: *O declínio do homem público*(1988), *A cultura do novo capitalismo*(2006) e *A corrosão do caráter*(2010). Também em autores que interpretam as obras de Sennett e/ou pensadores que descrevem sobre a temática.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Resultados e discussões

O conhecimento do contexto da sociedade contemporânea é importante para entender os mecanismos do funcionamento da mesma e, ao mesmo tempo, tecer estratégias significativas para administrar os desafios diante de tal realidade. Um dos desafios é refletir e trabalhar a formação educacional dos alunos na escola. Sennett nos apresenta um diagnóstico desta realidade, na qual critica e acusa a tendência de se voltar para a vida privada e descaracterizar o espaço público como lugar do encontro, do diálogo e da convivência coletiva das pessoas. Tal característica interfere na educação dos indivíduos. E transforma a vida pública como lugar “formal” das pessoas no sentido de que somente é válido aquilo que está estabelecido pela sociedade, não tendo mais a originalidade de suas raízes ocidentais[1]. As relações se reduzem aos “iguais”. Os estranhos, as diferenças se tornam ameaças. A pluralidade na vivência na cidade não é mais vista como intercâmbio significativo de ideias, de perspectivas. É uma presença mais corporal do que com a alma, do que com o espírito de participação. É uma visão narcisista do corpo, que enaltece o culto do corpo, cujo resultado segundo Sennett (1988, p.22), é o “empobrecimento da atividade criadora de símbolos a partir de uma coisa física”.

O fato de o mundo contemporâneo voltar-se mais para o culto do indivíduo, do caráter privado da vida, do que da vida social e coletiva, produz implicações políticas no espaço público, enquanto lugar por excelência de exercer a atividade política. Um candidato ao cargo político, muitas vezes, é eleito pelas pessoas muito mais por aquilo que ele é em termos pessoais e privados do que pela sua proposta de governo. A vida pessoal, privada, passa a predominar para resolver questões públicas. Os sentimentos pessoais, íntimos passam a ser prioridade, e assim, ocorre desgaste significativo da vida pública. Segundo Padilha,

O domínio público e, por conseguinte, o espaço público, está perdendo seu caráter de promotor de intercâmbio de pessoas e de atividade diversas. Ele está também vazio de sentido, seja pela visão íntima dos indivíduos, seja pela própria configuração traçada pelos arquitetos (PADILHA, 2011, p. 09).

Sennett exemplifica com os prédios das cidades de Nova Iorque, Paris e Londres que, preponderantemente combinam visibilidade e com isolamento social. Os espaços vazios servem apenas como lugar de passagem, de movimento, descaracterizando de certa forma o espaço público[2]. Segundo Sennett,

A supressão do espaço público vivo contém uma idéia ainda mais perversa: a de fazer o espaço contingente às custas do movimento. No centro da Défense, tal como ocorre na Lever House e no Brunswick Centre, o espaço destina-se à passagem, não à permanência. [...] Traduzindo, isto significa que o espaço público se tornou uma derivação do movimento (SENNETT, 1988, p. 28).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Tal característica do espaço público que o autor critica é responsável pela morte do mesmo e a perda de sentido. A nova característica substitui o lugar de convivência social pelo movimento, pelo isolamento, pelo individualismo. Para Padilha, esta é “uma sociedade que vive um ritmo cada dia mais acelerado, com cidades cada vez maiores e mais densas, e com as pessoas com visões mais íntimas que sociais [...]” (PADILHA, 2011, p. 9). Sennett sublinha que há “um sentido um tanto mais brutal de isolamento social em locais públicos, um isolamento produzido diretamente pela nossa visibilidade para os outros” (SENNETT, 1988, p. 29). É claro que o posicionamento de Sennett se refere às grandes cidades citadas, isto não significa que em todas as cidades grandes do mundo não tenham lugares de encontros, de convivência, de relações sociais em lugares públicos. A análise crítica que Sennett faz sublinha a predominância da vida íntima, da vida privada cuja característica da sociedade atual subtrai a compreensão de liberdade como responsabilidade social, de compromisso com o social, com a vida coletiva. Uma preocupação mais de ordem psicológica relativa ao eu do que com participação pública. Em sua obra, *O declínio do homem público (1988): as tiranias da intimidade*, Sennett afirma:

Aumentam o contato íntimo e diminuirão a sociabilidade. [...] O espaço público morto é uma das razões, e a mais concreta delas, pelas quais as pessoas procurarão um terreno íntimo que em território alheio lhes é negado. O isolamento em meio à visibilidade pública e a exagerada ênfase nas transações psicológicas se complementam (SENNETT, 1988, p. 29).

A afirmação espelha o tipo de relações e a adesão que acontece na “vida pública” a qual é uma prática que funciona via “isolamento silencioso” (SENNETT, 1988, p. 29), por meio das pessoas que estão em contato com o indivíduo. A visibilidade com os outros na vida pública é uma e a no contato pessoal é outra. Criam-se máscaras da vida pessoal privada esvaziando assim o sentido de compromisso com o outro nas relações sociais. Para Sennett é uma característica da “geração nascida após a segunda guerra mundial que se voltou para dentro de si ao se libertar das repressões sexuais. É nessa mesma geração que se operou a maior parte da destruição física do domínio público” (SENNETT, 1988, p. 30). Na compreensão do autor, esses são “sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e uma vida pública esvaziada que ficou por muito tempo incubada. São resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista” (SENNETT, 1988, p. 30).

É significativo elucidar os conceitos de público e privado na ótica sennettiana e saber os aspectos que os orientam. Segundo Sennett,

Na época em que a palavra “público” já havia adquirido seu significado moderno, portanto, ela significava não apenas uma região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também o domínio público dos conhecidos e dos estranhos incluía uma diversidade relativamente grande de pessoas (SENNETT, 1988, p. 31).

Na interpretação de Padilha, para Sennett o significado do

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Termo público está relacionado, desde suas origens, ao bem comum, ao corpo político e à visibilidade [...], e o privado estaria ligado a privilégios. Já nas proximidades da Revolução Industrial, “público” significava aberto a todos, à região da sociabilidade, enquanto que “privado” era a esfera da família e dos amigos. Na Era Moderna, a esfera pública foi se ampliando e nela passou a se integrar uma grande diversidade de pessoas (PADILHA, 2011, p. 10).

Com o crescimento das cidades no advento da era industrial, surgem espaços que foram organizados ou conquistados pela classe trabalhadora na vida cosmopolita. Esses lugares são pontos de encontros em que as pessoas pudessem se relacionar, passar o tempo, “conviver”. Lugares construídos para a sociabilidade no período do século XVIII como, por exemplo,

[...] parques urbanos, das primeiras tentativas de se abrir ruas adequadas à finalidade precípua de passeio de pedestres, como uma forma de lazer. Foi a época em que cafés (coffeehouses) e mais tarde bares (cafés), e estalagens pra paradas de diligências tornaram-se centros sociais; época em que o teatro e a ópera se abriram para um grande público [...] (SENNETT, 1988, p. 32).

A capital era o centro da vida pública, lugares de encontros fora da vida da família e dos amigos íntimos. Nos espaços foram criados costumes que criam limites numa determinada compreensão de vida pública e de vida privada e, também em certo sentido uma civilidade[3] que permitia a convivência entre estranhos, entre pessoas diferentes. No entender de Padilha isto constitui “uma nova esfera, a do social” (PADILHA, 2011, p. 10). Tanto Arendt como Sennett apontam “que a existência social do homem” se relacionava com “à esfera pública, e a sua natureza, à esfera privada” (PADILHA, 2011, p. 10). No nosso entender ambos, Arendt e Sennett, concebem o espaço público como esfera do comum. E podemos dizer o que diferencia um do outro na compreensão do declínio do público, que Sennett descreve por ocasião da erosão do público, influencia e/ou provoca o desequilíbrio no qual deforma e atinge inclusive as relações íntimas. Sennett afirma que “a erosão de uma vida pública forte deforma, assim, as relações íntimas que prendem o interesse sincero das pessoas” (SENNETT, 1988, p. 19).

Pensamos que as grandes transformações com as cidades industriais a partir do século XIX provocadas pelo capitalismo geraram mudanças econômicas e sociais que atingiram a população de modo geral. Na obra *A cultura do novo capitalismo* (2006), Sennett “apresenta uma ampla abordagem acerca dos deslocamentos efetuados entre os arranjos do capitalismo industrial e suas formas contemporâneas” (SILVA, 2015, p. 13). São mudanças institucionais, de comportamento que atinge a população que migra em busca de melhores condições de vida. O movimento do êxodo rural e o aumento populacional nas cidades “gerou” uma “desordem social” no sentido da organização e de convivência pública. Tal característica levou a população a voltar-se para a vida privada, mais precisamente para a família. Para Habermas, “a subjetividade que se origina da

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

esfera íntima da família *strictu sensu* já tem, no entanto, por assim dizer, o seu próprio público” (HABERMAS, 2003, p. 44). A família parece ser um “abrigo” que “subtrai” o público ou se protege do público.

Também em meio a essas mudanças, a indústria produzia muitos objetos padronizados, “as roupas, por exemplo, faziam com que o domínio público adquirisse certa semelhança material, mas não social. Assim, uma nova cultura urbana foi sendo delineada, e nela o público era visto como algo imoral e o privado, o domínio familiar, do moralmente correto” (PADILHA, 2011, p. 10). Segundo Habermas, “como se sabe, surgindo de mudanças da estrutura familiar que se prenunciam há séculos com o revolucionamento capitalista, esta consolida-se como tipo preponderante nas camadas burguesas” (HABERMAS, 2003, p. 60). A família burguesa passou a ser o lugar de proteger o indivíduo das questões pessoais e de se defender das questões públicas, ignorando a existência da esfera pública. “[...] Na humanidade dos relacionamentos íntimos das pessoas enquanto meros seres humanos no abrigo da família” (HABERMAS, 2003, p. 65).

A sociedade passa a priorizar a intimidade, o individual, o privado, em detrimento da cultura pública. Isto significa segundo Sennett o fim da cultura pública e um “investimento” na “individualidade voltada para o curto prazo, preocupada com as habilidades potenciais e disposta a abrir mão das coisas passadas [...]” (SENNETT, 2006, p. 14). Já para Habermas a cultura pública não acaba se transforma. Por mais que haja o predomínio da era eletrônica as relações sociais se renovam e tomam sempre dimensões públicas, sociais. Conforme Habermas os fundamentos da esfera pública são ordenados ou reordenados pelo homem em sua época. “[...] A esfera pública continua sendo, sempre ainda, um princípio organizacional de nosso ordenamento político [...]” (HABERMAS, 2003, p.17).

Segundo Sennett por mais que haja comunicação, uso de tecnologias que promovam a facilidade do contato, de relações em redes sociais, permanece no domínio da intimidade. A facilidade de comunicação não é sinônimo de compromisso público, de convivência social. No reino da intimidade as relações privadas se fortalecem. Segundo Padilha, “a tentativa de fugir da impessoalidade levou à criação de comunidades que, atualmente, possuem um caráter cada vez mais restrito. Levou também as pessoas a relacionarem a felicidade com cenários íntimos, como a família, a casa, os amigos” (PADILHA, 2011, p. 11).

Pensamos que a preocupação sennettiana está em estabelecer relações que promovam o domínio público da vida dos cidadãos. Do contrário, no fortalecimento da intimidade, da personalidade no privado significa a “perda” do exercício da cidadania no sentido de participar e ser responsável pelas atitudes no domínio público. Nesta prática, a corrosão do caráter predomina constituindo atitudes do agir conforme a ocasião no lugar privado no qual se sente melhor.

Em sua obra *A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo (2010)*, Sennett analisa alguns aspectos que são pressupostos da mudança de caráter, tais como “o desprendimento do passado, a busca pelas inovações, as responsabilizações individualizadas, o

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

privilégio da competitividade e a flexibilização dos tempos e rotinas de trabalho” (SILVA, 2015, p. 25). O sujeito parece ser “fabricado” no jogo das relações com inovações, com a ética do trabalho, com o flexitempo como trabalhador e uma liberdade aparente. O diagnóstico sennettiano aponta a dificuldade de o sujeito construir uma identidade “autêntica” nesse contexto. Ele busca adequar-se, ajustar seu comportamento, seu caráter em fazer algo de bom no seu trabalho que seja o esperado pela empresa, por exemplo. Em consonância com esse diagnóstico, Sennett interpreta e cita Gadamer:

O eu que somos não se possui a si mesmo; pode dizer que [o eu] acontece, sujeito aos acidentes do tempo e aos fragmentos da história. Assim, a consciência de si do indivíduo, declara Gadamer, é apenas um piscar do circuito fechado de vida histórica. Esse é o problema do caráter no capitalismo moderno. Há história, mas não narrativa partilhada de dificuldade, e, portanto tampouco destino partilhado. Nessas condições, o caráter se corrói; a pergunta: quem precisa de mim? Não tem resposta imediata (SENNETT, 2010, p. 175-176).

A corrosão do caráter na sociedade contemporânea é um dos grandes desafios para a escola e a educação de modo geral, pois esta é a realidade que necessita trabalhar na formação do sujeito como cidadão.

Considerações finais

Ficam as perguntas: a partir da teoria sennettiana, como pensar os rumos e desafios da educação no contexto do capitalismo contemporâneo? Que contribuições para a escola pública e para os educandos podem ser extraídas desta teoria? Nossa hipótese é de que os escritos de Sennett abrem possibilidades para contextualizar a educação em nossa época e traçar estratégias que abrem possibilidades de formação e gestão na educação as quais se vinculam com a democracia e a expansão da esfera pública.

A análise da teoria sennettiana aponta para a preocupação da formação educacional do indivíduo no domínio da vida pública, nas relações de trabalho, da família, da cultura e na sociedade. O desafio está em fomentar a construção do conhecimento e da identidade do sujeito no contexto do capitalismo contemporâneo para além da esfera do mercado. Em uma sociedade de consumo altamente voltada para o cultivo do eu privado e de relações objetificadas cumpre à escola educar para a responsabilidade e para a autonomia, ajudando os sujeitos a se orientarem no mundo, de forma a não se tornarem funcionais ou mesmo sofrerem os efeitos do capitalismo sem mesmo entenderem o mundo que estão vivendo. A escola, enquanto instituição pública pode promover a formação da identidade da geração atual com responsabilidade, criticidade e dinamismo na dimensão humana, cultural e social.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. – 12.ed. ver. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. Série novo ensino médio. São Paulo: Ática, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. – Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

PADILHA, Marcela do Nascimento. **O conceito de espaço público como suporte para análise de cidades com patrimônio histórico-arquitetônico protegido**. Revista Geográfica de América Central. Número especial EGAL, Costa Rica, 2011, pp. 1-21. observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal/13/teoriaymetodo/conceptuales/05.pdf Acesso em 16 de março de 2018.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 15.ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2010.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2006.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Sennett & a educação**. 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015. – (Coleção Pensadores & Educação).

[1]No sentido clássico da cultura filosófica grega: a questão da ética, da virtude, da formação, estavam à serviço da *polis*, do espaço público, entendido como lugar de participação política. Para Chauí “a invenção da política, que introduz três aspectos novos e decisivos para o nascimento da filosofia: 1. A idéia da lei como expressão da vontade de uma coletividade humana que decide por si mesma o que é melhor para si e como ela definirá suas reuniões internas [...]; 2. O surgimento de um espaço público, que faz aparecer um novo tipo de palavra ou de discurso, diferente daquele que era proferido pelo mito [...]. Agora, com a *polis*, isto é, a cidade política, surge a palavra como

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

direito de cada cidadão de emitir em público sua opinião, discuti-la com os outros, persuadi-los a tomar uma decisão proposta por ele, de tal modo que surge o discurso político como a palavra humana compartilhada, como diálogo, discussão e deliberação humana, isto é, como decisão racional e exposição dos motivos ou razões para fazer ou não fazer alguma coisa; 3. Uma política que estimula o pensamento e o discurso daqueles que “procuram ser públicos, ensinados, transmitidos, comunicados e discutidos” (2004, p. 26). Isto significa a participação do cidadão enquanto sujeito que pensa, reflete e age com os outros.

[2] Segundo Arendt na era moderna, a dignidade pública foi substituída pela vaidade pessoal, individual, pela “admiração pública” na compreensão de Adam Smith. “A admiração pública é também algo a ser usado e consumido, e o *status*, como diríamos hoje, satisfaz uma necessidade como o alimento satisfaz outra: a admiração pública é consumida pela vaidade individual da mesma forma como o alimento é consumido pela fome” (ARENDR, 2014, p. 69). Arendt afirma que “a futilidade da admiração pública, consumida diariamente em doses cada vez maiores, é tal que a recompensa monetária, uma das coisas mais fúteis que existem, pode tornar-se mais objetiva e mais real” (ARENDR, 2014, p. 70). A centralidade passa a pender no monetário, no individual, no familiar, descaracterizando as expectativas do que seria de domínio público. Parece existir uma multidão de espectadores que poderiam estar no espaço do mundo público, entendido como lugar de diálogo, de encontro e de expressão da ação política entre os diferentes com a diversidade humana. A decadência do espaço público é decorrência de um modelo de praticar a política. Segundo Arendt, “[...] esse mundo familiar jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, em uma variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem identidade na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo aparecer real e fidedignamente” (ARENDR, 2014, p. 71).

[3] Pensamos ser significativo trazer o conceito de civilidade e cidade de Sennett. “Cidade e civilidade têm uma raiz etimológica comum. Civilidade é tratar os outros como se fossem estranhos que forjam um laço social sobre essa distância social. A cidade é esse estabelecimento humano no qual os estranhos devem provavelmente se encontrar” (SENNETT, 1988, p. 23-24). A incivilidade também é praticada em meio à sociedade moderna. Por um lado pelos atos de um líder político que se promove por motivações pessoais e é protegido pelos meios de comunicação social para que não seja julgado por aqueles ao qual ele representa e, por outro, praticados por aqueles que na experiência comunal moderna, no qual se afastam dos estranhos, dos forasteiros e passam a ter uma prática mais egoísta do que social. “[...] Quanto mais intimidade, menor a sociabilidade. [...] É uma versão de fraternidade que leva ao fratricídio” (SENNETT, 1988, p. 325). Na incivilidade a pessoa se torna um “peso” para os outros.